

BERNOULLI COLÉGIO E PRÉ-VESTIBULAR



http://www.colegiobernoulli.com.br/bernoulli_resolve/

Filosofia – Questão 01

Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles propõe uma compreensão da amizade em que a semelhança entre os homens é importante, embora não a caracterize completamente, como se comprova neste trecho:

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente. Por isso sua amizade dura enquanto são bons – e a bondade é uma coisa muito durável. E cada um é bom em si mesmo e para o seu amigo, pois os bons são bons em absoluto e úteis um ao outro. [...] Uma tal amizade é, como seria de esperar, permanente, já que eles encontram um no outro todas as qualidades que os amigos devem possuir. Com efeito, toda a amizade tem em vista o bem ou o prazer – bem ou prazer, quer em abstrato, quer tais que possam ser desfrutados por aquele que sente a amizade –, e baseia-se numa certa semelhança. E à amizade entre homens bons pertencem todas as qualidades que mencionamos, devido à natureza dos próprios amigos, pois numa amizade desta espécie as outras qualidades também são semelhantes em ambos; e o que é irrestritamente bom também é agradável no sentido absoluto do termo, e essas são as qualidades mais estimáveis que existem.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. L. Vallandro e G. Bornheim.

In: Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1979, VIII, 3, 1156b.

Com base na leitura desse trecho e em outras informações presentes na obra em referência, **EXPLIQUE** por que **NÃO** é toda e qualquer semelhança entre os homens que motiva uma amizade verdadeira.

RESOLUÇÃO:

Considerando que a verdadeira amizade traz a marca da bondade e da virtude e, por isso, caráter da permanência, **NÃO** é toda e qualquer semelhança que motiva uma amizade verdadeira entre homens, uma vez que há semelhanças **ACIDENTAIS**, que **NÃO** se referem **NEM** à bondade, **NEM** à disposição de caráter e **MUITO MENOS** à virtude, que são de natureza duradoura. Assim, as semelhanças que se referem aos aspectos acidentais, de natureza fugaz, formam amizades motivadas por prazer ou utilidade que duram tanto quanto dura o prazer ou a utilidade.

Se a semelhança **NÃO** for na bondade que caracteriza os verdadeiros amigos que amam o outro

Filosofia – Questão 02

Leia estes dois trechos:

E há de se entender o seguinte: que um príncipe [...] não pode observar todas as coisas a que são obrigados os homens considerados bons, sendo frequentemente forçado, para manter o governo, a agir contra a caridade, a fé, a humanidade, a religião. [...] Nas ações de todos os homens, máxime dos príncipes, onde não há tribunal para que recorrer, o que importa é o êxito bom ou mau. Procure, pois, um príncipe vencer e conservar o Estado. Os meios que empregar serão sempre julgados honrosos e louvados por todos, porque o vulgo é levado pelas aparências e pelos resultados dos fatos consumados [...]

MAQUIAVEL, *O Príncipe*. Trad. L. Xavier. In: Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1979, XVIII, pp. 74-75.

Num combate da guerra civil contra Cina, um soldado de Pompeu, tendo matado involuntariamente o irmão, que era do partido contrário, ali mesmo matou-se de vergonha e tristeza; e alguns anos depois, numa outra guerra civil desse mesmo povo, um soldado, por haver matado o irmão, pediu recompensa a seus comandantes. Explicamos mal a honestidade e a beleza de uma ação por meio de sua utilidade; e concluímos mal ao estimar que todos estejam obrigados a ela e que ela seja honesta para todos se for útil.

MONTAIGNE, *Os Ensaios*. Trad. R. C. Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2001, III, 1, p. 25.

Nos dois trechos, os filósofos, que viveram no início da Era Moderna, propõem duas perspectivas distintas – a da **vida política** e a da **vida privada** –, para a apreciação do valor das ações humanas. Cada uma dessas duas perspectivas gera, por sua vez, critérios distintos de avaliação.

A partir da leitura dos dois trechos transcritos, **REDIJA** três textos,

- A) um, **contrastando** as **duas** perspectivas propostas.
- B) um, **identificando** os critérios que **cada um** dos dois autores adota para avaliar as ações humanas.
- C) um, **argumentando a favor de** ou **contra** a possibilidade de se conciliarem as duas perspectivas.

RESOLUÇÃO:

- A) Maquiavel inaugura a perspectiva do realismo político, marcado pela verdade efetiva, na qual o critério da boa política é o êxito da ação, que possibilita a conquista e a manutenção do Estado. Para a execução desse objetivo, Maquiavel se afasta do idealismo da ética cristã.

Montaigne traz a perspectiva da vida privada marcada por valores éticos e humanitários.

- B) Maquiavel identifica os critérios do êxito, da eficácia política da ação e da manutenção do Estado como os mais indicados para avaliar a ação.

Montaigne critica o critério da utilidade para avaliar a beleza de uma ação, sinalizando para a presença dos valores humanitários como critérios que motivam a avaliação da ação humana.

- C) Apresentamos duas possibilidades de resposta:

1. As duas perspectivas são completamente antagônicas, resultando na impossibilidade de qualquer conciliação, uma vez que o critério do êxito e da eficácia, presente na primeira perspectiva, legitima e autoriza ações contra a humanidade e contra princípios éticos e religiosos, possíveis de serem os critérios da segunda perspectiva.

2. As duas perspectivas apresentam a possibilidade de conciliação, inicialmente por apresentarem o resultado, o efeito como critério da ação. Assim, o fim estabelecido, seja ele a manutenção do poder ou a vida do irmão, é o critério de avaliação da ação.

Filosofia – Questão 03

Leia este trecho:

[...] uma crítica que limita a razão especulativa é, nesta medida, *negativa*; na medida em que ao mesmo tempo elimina com isso um obstáculo que limita ou até mesmo ameaça aniquilar o uso prático, de fato possui utilidade *positiva* muito importante [...]

KANT, I. Prefácio à Segunda Edição. *Crítica da razão pura*. Trad. V. Rohden e U. B. Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 2005, p.42.

Nesse trecho, Kant introduz duas distinções, fundamentais para o entendimento de sua filosofia, que são esclarecidas ao longo do **Prefácio** da obra em referência – a distinção entre as utilidades negativa e positiva da crítica da razão pura e a distinção entre a razão pura teórica, ou especulativa, e a razão pura prática.

Com base na leitura desse trecho e em outras informações contidas no referido **Prefácio à Segunda Edição**, **REDIJA** dois textos,

- A) um, **estabelecendo a diferença** entre as **duas** utilidades da crítica.
- B) um, **explicando** como essa distinção permite a Kant preservar o que ele chama de interesse prático da razão – isto é, a defesa da liberdade moral.

RESOLUÇÃO:

- A) A primeira utilidade da crítica da razão pura é NEGATIVA, uma vez que estabelece os limites à razão especulativa. Assim, ao colocar o limite da experiência, referindo o apriori obrigatoriamente a um objeto correspondente, a crítica tem uma função negativa. Contudo, essa mesma limitação adquire uma utilidade POSITIVA, à medida que nos demonstra as capacidades e limitações de compreensão da nossa razão e elimina a pura abstração e especulação que impedia de produzir conhecimento verdadeiro.
- B) Para Kant, a liberdade moral não se encontra na mesma esfera de compreensão da razão pura teórica ou especulativa, está incapaz de ser conhecida. Ele ressalta que a liberdade moral é capaz de ser compreendida longe de qualquer especulação quando se apresenta de forma a priori, tendo em vista a capacidade da razão de determinar leis universais desvinculadas da concepção empírica. Essa lei prática incondicionada é chamada por Kant de “imperativo categórico” que, contendo apenas a forma da razão, fornece aos homens uma lei universal de conduta. Dessa forma, Kant nos remete à segurança do entendimento (leis universais demonstradas de forma pura prática) moral sem que haja qualquer tipo de possibilidade especulativa nesse campo.

Filosofia – Questão 04

Leia este trecho:

Se Ele [Deus] o proibisse, por exemplo, de calçar a meia esquerda antes da direita, e o punisse por não agir assim, seria desaconselhável fazê-lo, mas não seria errado.

NAGEL, Thomas. Certo e errado. *Uma breve introdução à filosofia*. Tradução de Silvana Vieira. Editora Martins Fontes: São Paulo, 2001. p. 67.

Um dos argumentos que Nagel apresenta contra a fundamentação religiosa da moral apoia-se nesse trecho.

Com base na leitura desse trecho e considerando outras informações presentes na obra em referência, **REDIJA** um texto, **expondo** esse argumento e **explicando** como esse trecho o apoia.

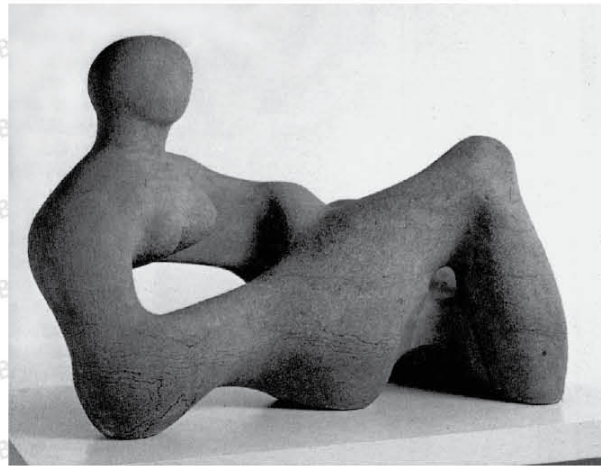
RESOLUÇÃO:

Considerando o âmbito das motivações para fazer o certo e evitar o errado, o motivo religioso não serve como fundamento para a ação moral, uma vez que muitos não acreditam em Deus e, apesar disso, emitem juízo sobre o certo e o errado. Assim, conforme bem expresso no trecho acima, o certo e o errado antecedem ou motivam uma possível recompensa ou castigo de Deus. Dessa forma, para Nagel, se Deus existe e proíbe o que é errado, não é a sua proibição que o torna errado, mas é justamente o inverso, por ser previamente errado, é que Deus o proíbe. Dessa forma, o fundamento da moral, que deve atender a um critério de universalidade, deve estar localizado na preocupação direta para com o outro, para com o efeito da ação sobre a vítima e não deve se localizar no medo das consequências que poderão advir por ofender a Deus. Se quiséssemos fazer, nada nos impediria e isto não seria um argumento que legitimasse uma ação errada, caso nossas motivações fossem contrárias ao que fosse determinado por Deus.

Leia estes dois trechos:

[...] o artista moderno quer criar coisas. A ênfase está em criar e em coisas. Ele quer sentir que realizou algo que antes não existia. Não apenas a cópia de um objeto real, por mais habilidosa, não apenas uma peça de decoração, por mais engenhosa, mas algo mais importante e duradouro do que ambas, algo que ele sente ser mais real do que os objetos vulgares da nossa trivial existência. Se quisermos entender essa disposição de espírito devemos voltar à nossa própria infância, a uma época em que ainda éramos capazes de fazer coisas de tijolo ou areia, em que transformávamos uma vassoura num veículo mágico e um punhado de pedras num castelo encantado. Muitas vezes essas coisas que criávamos adquiriam para nós um significado imenso – possivelmente tão grande quanto a imagem devia ter para os primitivos. Acredito ser esse forte sentimento pela unicidade de uma coisa criada magicamente por mãos humanas que o escultor Henry Moore (1898–1986) quer que alimentemos ao olhar para suas criações. Moore não principia olhando para o modelo; principia observando a pedra. Quer “fazer alguma coisa” dela. Não com o fragmentá-la, reduzi-la a pedaços, mas tateando-a e procurando descobrir o que a pedra “quer”. Se ela se converte em sugestão de uma figura humana, ótimo. Mas até mesmo nessa figura Moore quer preservar algo da solidez e simplicidade de uma rocha. Ele não quer fazer uma mulher de pedra, mas uma pedra sugerindo uma mulher.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*, Trad. A. Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993. p. 467. (Itálico do autor)



HENRY MOORE: *Figura reclinada* (1938). Londres, Tate Gallery.

O LUTADOR

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.
Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem há sevicia
que as traga de novo
ao centro da praça.

Insisto, solerte.
Busco persuadi-las.
Ser-lhes-ei escravo
de rara humildade.
Guardarei sigilo
de nosso comércio.
Na voz, nenhum travo
de zanga ou desgosto.
Sem me ouvir deslizam,
perpassam, levíssimas
e viram-me o rosto.
Lutar com palavras
parece sem fruto.
Não têm carne e sangue...
Entretanto, luto.
[...]

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 1988. p.182-185.

REDIJA um texto, **explicando** como a nova perspectiva da arte do século XX, referida por Gombrich, está exemplificada no poema “O LUTADOR”, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1942.

RESOLUÇÃO:

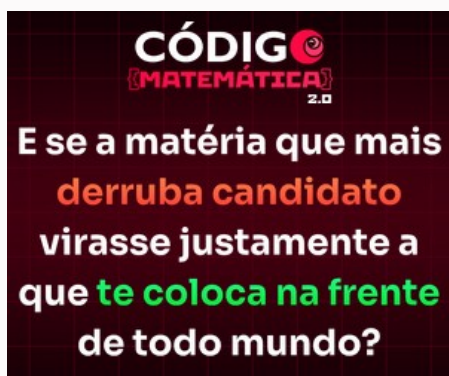
A nova perspectiva da arte do século XX, referida por Gombrich, traz as marcas da subjetividade que buscam expressar no real um sentido a ele atribuído contra uma concepção segundo a qual existiria um olhar inocente e puro que captasse a em si a realidade. Contra essa visão essencialista, o poeta Carlos Drummond em “O LUTADOR” se refere à luta humana com as palavras, que são muitas, mas o sujeito é pouco para dizer o real. O fragmento “Lutar com palavras parece sem fruto. Não têm carne e sangue... Entretanto, luto” expressa muito bem essa nova perspectiva da arte do século XX. Aqui, a expressão LUTO adquire uma dupla significação. Em primeiro lugar, as palavras trazem o luto, a morte de todo sentido original. Em segundo lugar, o LUTO é expressão da existência humana autêntica que luta por conferir sentido à vida.

Dessa forma, no poema O LUTADOR, Carlos Drummond de Andrade exemplifica a nova perspectiva da arte do século XX, derrubando a crença ou mito romântico de que o artista seria um “gênio original” que capta as essências, e a partir de nada. Ao contrário disso, toda expressão é sempre filha de seu tempo, carregada de tradição cultural.

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

